

# OFICINAS DE ANTROPOLOGIA COM CRIANÇAS: NOTAS SOBRE UMA EXPERIÊNCIA

*ANTHROPOLOGY WORKSHOPS WITH CHILDREN: NOTES ON AN EXPERIENCE*

Valéria de Paula Martins<sup>1</sup>

Amanda Ramos da Cunha<sup>1</sup>

Júlia Furtado de Almeida<sup>1</sup>

Luís Augusto Meinberg Garcia<sup>2</sup>

Maria Luiza Araújo Ramos<sup>1</sup>

Pamela de Fatima Soares Caetano<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

<sup>2</sup>Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

## RESUMO

Este é um relato de experiência acerca da realização de oficinas de antropologia com crianças entre 7 e 12 anos, na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais, a partir de um trabalho que teve início em 2014 e é atualmente projeto de extensão da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Ao focar no processo de implementação das oficinas, destacando-se as questões de cunho metodológico, tratamos dos caminhos trilhados desde o período inicial, refletindo sobre elementos que nos chamaram a atenção, como as transformações ao longo do tempo na dinâmica dos encontros em sua associação com experiências que buscávamos delinear a partir das oficinas. Este projeto, por meio da realização de atividades que envolvem leitura de livros, exibição de filmes, jogos coletivos, rodas de conversa, elaboração de desenhos etc., busca, em suma, uma sensibilização para a diferença, aproximando-se de temáticas e ideias caras ao debate antropológico em um trabalho realizado com crianças e não para crianças, ou seja, que as toma como sujeitos plenos no processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Oficinas de antropologia; Ensino-aprendizagem; Crianças.

## ABSTRACT

This is an experience report on the anthropology workshops with children between 7 and 12 years old in the city of Uberlândia, Minas Gerais, Brazil. These workshops initiated in 2014 and are currently an university extension project at Federal University of Uberlândia (UFU). By focusing on the process of implementing workshops, standing out issues of methodological method, we deal with the paths traced since the initial period. We reflect on issues that drew our attention, such as the transformations over time in the dynamics of the meetings in their association with experiences that we sought to outline



from the workshops. Based on activities such as reading books, films exhibition, collective games, conversation circles, paper drawing, among others, this project intends to develop an awareness about the difference. This allowed us to get close to relevant themes and ideas that mark the anthropological debate in a work carried out with children and not for children. This perspective take them as full subjects in the teaching-learning process.

**Keywords:** Anthropology Workshops; Teaching-learning; Children.

## INTRODUÇÃO

Era talvez o quarto ou quinto local para o qual eu telefonava, buscando instituições públicas, como centros culturais, onde pudesse ministrar gratuitamente oficinas de antropologia para crianças. “Oficina de quê?”, perguntavam-me todas as vezes. Eu havia defendido a tese de doutorado havia cerca de seis meses e, depois de uma importante pausa, estava disposta a trabalhar com crianças por meio da antropologia, ou trabalhar antropologia com crianças.

Naquela ocasião, a moça que me atendeu ao telefone mostrou-se bastante interessada pela oficina e colocou o espaço à disposição. Tratava-se de uma biblioteca pública associada à prefeitura municipal e, na época, ao Sesi, localizada na região norte da cidade de Uberlândia, em Minas Gerais<sup>1</sup>.

Combinei de me encontrar então com Maria Abadia de Araújo, que me atendera ao telefone, coordenadora do espaço. Na ocasião, expliquei como as oficinas estavam organizadas e planejamos as datas de realização delas.

Elas se deram ao longo do segundo semestre de 2014 e foram o início de um trabalho que, a partir do meu ingresso como docente na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no primeiro semestre de 2015, abarcou estudantes de graduação e tornou-se um projeto de extensão da universidade.

Neste texto, que tem como coautores os primeiros graduandos monitores e monitoras do projeto de extensão, apresentamos os caminhos trilhados desde esse período inicial, com destaque para as proposições metodológicas e didático-pedagógicas, buscando refletir sobre questões que nos chamaram a atenção, como as transformações ao longo do tempo na dinâmica dos encontros em sua associação com experiências que buscávamos delinear a partir das oficinas.

Em relação à organização do texto, optamos por narrar a experiência observando uma sequência cronológica, enquanto refletimos acerca de seus diversos aspectos. Iniciamos, assim, em 2014, e seguimos até a configuração do projeto de extensão em 2019, apresentando elementos gerais das oficinas (tais como o local onde foi realizada, número de crianças com quem trabalhamos, faixa etária específica), além dos materiais utilizados e propostas metodológicas.

Pretendíamos que a elaboração do texto, que se deu ao longo do ano de 2019, figurasse como um tempo/espaço de reflexão para o

próprio grupo acerca dos processos que experimentamos até aqui, como também esperamos que ele possa contribuir com a relativamente escassa bibliografia sobre processos de ensino-aprendizagem em antropologia (ver, entre outros, Gama; Fleischer, 2016; Grossi *et al.*, 2006; Oliveira; Brum, 2015; Gama; Kuschner, 2015; Tavares *et al.*, 2010; Fleischer *et al.*, 2014; Hartmann, 2018<sup>2</sup>).

Em relação a oficinas de antropologia com crianças, pelo que temos conhecimento, este é o primeiro e único projeto do gênero no país. Em linhas gerais, pode-se dizer que ele é norteado por alguns elementos a serem abordados ao longo do texto: i) sensibilização para a diferença; ii) aproximação de temáticas e ideias caras ao debate antropológico; iii) antropologia com crianças e não para crianças – considerando-as sujeitos plenos e engajados na construção do processo de ensino-aprendizagem que integram.

Para uma breve menção às atividades realizadas no âmbito das oficinas, que também serão tratadas de forma mais detida ao longo do texto, elas envolvem a leitura de livros, exibição de filmes, apreciação de materiais diversos como fotografias, áudios e músicas, realização de desenhos, brincadeiras musicais, rodas de conversa, jogos coletivos etc., associados a alguns eixos temáticos: cidadania; relações étnico-raciais; religiosidades; gênero e trabalho; conhecimentos tradicionais e questões ambientais, e um eixo mais geral (diversidades) voltado a registros diversos, tais como alimentação, educação, festas, língua, entre outros.

O projeto tem coordenação da professora e conta com monitores e monitoras graduandos em Ciências Sociais na Universidade Federal de Uberlândia. Toda a equipe atua como facilitadora nas oficinas, também contribuindo no planejamento, pesquisa e produção de materiais a serem acionados nos encontros. Dentre os estudantes que assinam o texto, parte deles iniciou sua monitoria em 2017 e outra parte em 2018, todos eles finalizando-a no ano de 2019.

No que tange à marcação da autoria neste relato, como o processo se iniciou em 2014, apenas com a professora, e posteriormente, agregou os/as estudantes de graduação, teremos, neste texto, tanto o pronome pessoal no singular quanto no plural: a autoria estará marcada pelo pronome pessoal no singular quando se tratar de uma fala da professora, e pelo pronome pessoal no plural quando a fala é de todo o grupo: professora e estudantes.

## O INÍCIO

Nesta primeira experiência de oficinas na biblioteca do bairro Roosevelt, região norte da cidade, em que eu ainda as ministrava sozinha e tinha mais tempo disponível, os encontros eram semanais, com duas horas de duração (com intervalo), durante cerca de um mês, e para cada

um deles eu levava uma série de materiais, a partir dos quais tratávamos de alguns temas. Volto a este ponto.

A intenção era trabalhar com a mesma turma de crianças durante quatro encontros seguidos, mas nem sempre isso ocorreu, especialmente no início: para garantir que tivéssemos participantes, pois nem todas as atividades ali contavam com um número razoável deles, especialmente tratando-se de um conteúdo (oficina de quê?) que muitos desconheciam, Abadia, a coordenadora do espaço, sugeriu que convidássemos crianças de instituições parceiras, como abrigos, ONGs ou mesmo escolas, e assim fizemos. A questão é que nem sempre, no dia da oficina, estavam presentes na instituição as mesmas crianças, então não eram exatamente as mesmas que vinham sempre, mesmo que muitas delas permanecessem de um encontro para o outro. Também a solicitação de minha parte de que viessem sempre as mesmas crianças parecia não ser levada exatamente a sério pelas facilitadoras dessas instituições, e um dos motivos que me parecia central era o fato de que, muitas vezes, as atividades fora da instituição eram disputadas pelas crianças, e as facilitadoras tendiam a atender pedidos de diferentes crianças a cada atividade externa, de modo a contemplar o maior número delas.

A extensão do trabalho durante alguns encontros seguidos e com frequência semanal, nas oficinas na biblioteca, e ainda os encontros com uma turma que era, então, mais ou menos a mesma, foi algo de que senti falta quando iniciamos o projeto de extensão na universidade, quando todos nós tínhamos menos tempo disponível e as oficinas, além de serem menos frequentes – mensais em vez de semanais –, passaram a ser realizadas, cada uma, com um diferente grupo de crianças. Como trataremos adiante, nossa intenção nesse momento inicial do projeto de extensão era atender crianças de diferentes bairros e instituições. Com essa mudança, ganhamos em diversidade e amplitude do projeto na cidade, mas perdemos no que tange à possibilidade de trabalhar de forma mais detida e aprofundada, com um grupo específico de crianças, temas e questões antropológicas que apresentávamos nos encontros.

Nesse primeiro momento das oficinas de antropologia, como eu ministrava as atividades para as cerca de 30 crianças, optava na maior parte das vezes por formar grupos menores que lidavam com diferentes materiais, especialmente livros e, em geral, alternava essas atividades com outras que abarcavam toda a turma, por exemplo a audição de músicas ou a exibição de vídeos e filmes, seguidos de conversa coletiva.

A faixa etária proposta era entre 7 e 12 anos, mas ocorreu de recebermos crianças de 5 ou 6 anos e adolescentes de até 15 ou 16 anos. Nesses casos, no momento de compor os grupos com um número reduzido de crianças ou adolescentes, buscava reuni-los a partir de faixas etárias aproximadas e, em seguida, realizava a atividade com toda a turma.

Tanto livros, músicas, vídeos, filmes ou ainda outros materiais acionados, como fotografias, desenhos e áudios, exibiam a enorme

diversidade, em inúmeros aspectos, de variados coletivos, buscando explicitar diferentes modos de vida ou tornar acessível às crianças a ideia de que uma das habilidades agenciadoras da antropologia é a de multiplicar os mundos, por assim dizer, ou manter possíveis, como virtualidades, os mundos de outrem não tomando esses modos como soluções para um problema que seria universal, mas buscando colocar em relação problemas do outro com os próprios problemas (Viveiros de Castro, 2002).

Pensamos ser possível, assim, um processo de ensino-aprendizagem em antropologia que convide as crianças a também atuarem como antropólogas, a fim de construir sensibilidades e habilidades para a diferença, uma vez que tais materiais pudessem atuar como mediadores em prol de uma antropologia enquanto prática de educação (Ingold, 2016). Prática que provoca deslocamentos de pontos de vista, de maneira que as crianças desenvolvam suas próprias formas de ser e pensar no mundo.

Antes de finalizar aquele semestre, decidimos, Abadia e eu, abrir as inscrições para a oficina a crianças que não necessariamente estivessem vinculadas a alguma instituição, ou seja, elas viriam por conta própria e não a partir de algum projeto específico. Então, recebemos um número menor de crianças, mas cuja presença se mantinha mais constante, o que permitia que eu pudesse trabalhar com toda a turma ao mesmo tempo e que lidássemos, juntos, com uma série de diferentes conteúdos.

Nessas oficinas na biblioteca, uma atividade comum era a produção de desenhos, prática, aliás, corrente entre pesquisadores que se dedicam às crianças (ver, por exemplo, Toren, 1990; 2019; Pires, 2007). Como ressalta Toren (2019, p. 296), que tem formação tanto em psicologia quanto antropologia, os desenhos, no âmbito de uma pesquisa etnográfica, figuram como um modo de “descobrir o que as crianças sabem sobre o mundo em que vivem”, mostrando as ideias delas “sobre o jeito que as coisas são”.

No caso das oficinas de antropologia, os desenhos eram elaborados após o compartilhamento de um material específico, que inspirava a realização de uma atividade: leitura de livros, exibição de fotografias, pequenos filmes, audição de músicas etc., mas, de toda forma, também buscávamos conhecer as ideias e concepções das crianças sobre o que estávamos tratando a intenção era que as crianças pudessem tecer seus comentários sobre o que apreciaram por meio de cores, traços, formas e faces. A única sugestão de nossa parte era que elas fizessem desenhos a partir do que tínhamos conhecido e, então, individualmente ou em pequenos grupos como preferissem, elas elaboravam seus desenhos explicitando olhares e percepções próprias acerca de questões que haviam sido tematizadas naquela atividade específica ou mesmo no dia. A partir dessas elaborações, então, trocávamos ideias e conversávamos coletivamente, com todo o grupo de crianças presentes naquele dia.

As questões e temáticas evocadas pelas crianças, tanto a partir de seus desenhos quanto a partir de suas falas e colocações no decorrer da oficina, também me impulsionavam a trazer materiais específicos para

os encontros seguintes de modo que pudéssemos tratá-las de forma mais detida e, assim, íamos construindo os encontros e o próprio processo de ensino-aprendizagem a partir de todos que o integravam.

Em relação aos desenhos, no último da série de encontros de uma oficina, realizávamos uma exposição dos que foram produzidos, convidando familiares e amigos para estarem presentes. Buscávamos, com isso, tanto valorizar a elaboração das crianças e sua participação nas oficinas, quanto envolver seus familiares e convidados nessa aproximação de temáticas e reflexões antropológicas, quem sabe com uma possível continuidade das discussões em âmbito familiar.

Na sequência apresentada abaixo, vemos no primeiro desenho à esquerda a figura de uma criança indígena do sexo masculino, com a face pintada tal como os meninos aparecem no livro *Das crianças Ikpeng para o mundo*, adaptação de Rita Carelli (coleção “Um dia na aldeia”), que inspirou o desenho. Na imagem 2, à direita, temos o venenoso peixe Fugu, a partir de fotografia que apresentei às crianças - peixe, aliás, que muito as impressionou pelo fato de pessoas poderem morrer ao ingeri-lo, e que apareceu em muitos desenhos feitos por elas<sup>3</sup>.

**Imagem 1** – Criança indígena em desenho elaborado por Diogenes, Rayssa e Ludmilla.

**Imagem 2** – Peixe Fugu.



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2014.

Abaixo, na imagem 3, temos um desenho que evoca as chamadas encomendadeiras de almas, que as crianças conheceram com as audições do *compact disc Encomendadeiras de Almas – Sons do Cerrado*, não sem demonstrar algum assombro diante das imagens do encarte (em que elas aparecem cobertas dos pés à cabeça com mortalhas brancas, todo o grupo seguindo atrás de uma cruz mais alta que elas próprias) e talvez mesmo com o caráter de suas orações e cantos.

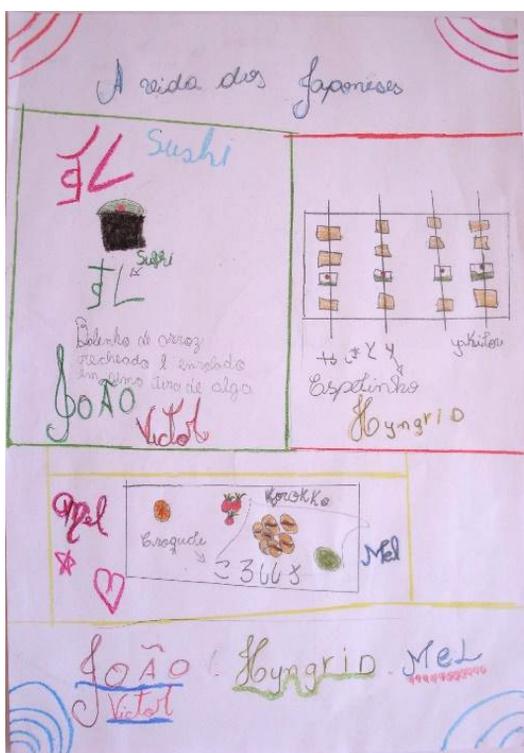
**Imagem 3** – Encomendadeiras de almas em desenho elaborado por Emerson, Fábio e Bruno



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2014.

Na imagem 4, abaixo, temos a vida dos japoneses, inspirado no livro *Minhas imagens do Japão*, de Etsuko Watanabe, desenho que ressalta um dos aspectos abordados na publicação, ou seja, a alimentação.

**Imagem 4** – A vida dos japoneses em desenho de João Victor, Hyngrid e Mel.



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2014.

Abaixo, na imagem 5, vemos um desenho elaborado a partir do livro *Agbalá: um lugar continente*, de Marilda Castanha, destacando, da obra, a figura de Maria Firmina dos Reis, professora e escritora negra as crianças se admiravam com o fato narrado no livro de que os negros carregavam brancos em liteiras e também com a postura de Maria Firmina que, ao ser aprovada em concurso público para professora no estado do Maranhão, diante de uma única vaga, e de ter recebido a sugestão de que entrasse na cidade como branca, ou seja, carregada em liteira, recusou-se afirmando que “negro não é animal para se andar montado nele”. Ainda, com a frase de um dos personagens do seu romance *Úrsula* (1859): “A mente! Isso sim ninguém pode escravizar!”

**Imagem 5 – Maria Firmina**



**Fonte:** Acervo do projeto de extensão, 2014.

Algumas vezes, levei outros tipos de material, como uma série de sementes de uma mesma espécie, obviamente diferentes entre si, em uma discussão sobre diversidade. Na finalização dessa oficina, as garotas participantes quiseram compartilhar a discussão com os convidados e, como não tínhamos sementes, elas trataram dessa temática a partir de conchas do mar que a mãe de uma delas, Letícia, levou, a pedido da filha.

**Imagens 6 e 7** – Sementes que levei à oficina e, à direita, as conchas que Letícia, então com 11 anos, solicitou à mãe que levasse no dia do encerramento da atividade, para que pudessem tratar do tema da diversidade com os convidados.



**Fonte:** Acervo do projeto de extensão, 2014.

Nos anos de 2015 e 2016, já como docente na universidade, continuei a pesquisar materiais e a ter interações mais pontuais e informais com crianças a partir deles e, em 2017, voltamos à biblioteca do bairro Roosevelt para uma atividade de extensão que contava então com três monitores e monitoras estudantes do curso de graduação em Ciências Sociais.

## SEGUNDO ATO: EXPERIMENTAÇÕES

A intenção era que, a partir do ano seguinte, iniciássemos o projeto de extensão abarcando, como dito acima, crianças de diferentes bairros e instituições, ainda com faixa etária entre 7 e 12 anos, a partir de oficinas agora mensais, com duração de duas horas. Neste momento, de toda forma, o contato prévio com a biblioteca municipal do bairro Roosevelt facilitou a realização da primeira oficina dos monitores e monitoras graduandos e ainda a experimentação de um novo formato de oficina que contava, então, não mais com uma facilitadora, mas com quatro.

Os temas abordados nas oficinas anteriores também estariam presentes neste momento, mas como éramos quatro agora – e, em 2018, seis –, nos organizamos de modo a planejar atividades específicas que tratariam daqueles temas, assim como a forma e o momento de intervenção na oficina por parte de cada um de nós. As oficinas anteriores, nesse sentido, talvez fossem mais abertas ao que sucedia no momento de encontro com as crianças, e também no que tange ao planejamento prévio, já que eu levava algumas opções de materiais, e acionava um ou outro conforme o número de crianças, a faixa etária delas e o próprio andamento do

encontro. Não que adaptações não tenham ocorrido no momento posterior, elas ocorreram, mas mostravam-se um pouco mais complicadas em sua execução, pois contávamos agora com uma equipe quatro – e depois seis – vezes maior.

Neste momento, em 2017, as oficinas contavam com a realização de três atividades: no início, uma brincadeira coletiva musical; em seguida, uma atividade que envolvia brinquedos diversos e sua posterior troca entre as crianças; e, finalmente, a divisão em grupos menores junto aos facilitadores, quando mantivemos a leitura de livros específicos e a produção de desenhos seguida de discussões.

A brincadeira coletiva do Boto e a Sardinha, da região de Parintins, no Amazonas, envolvia uma discussão sobre diversidade no que tange a brinquedos e brincadeiras tanto no Brasil como ao redor do mundo. Na segunda atividade, que também era realizada no espaço externo, colocávamos brinquedos diversos espalhados – tais como elástico, escravos de Jó, baliza<sup>4</sup>, bonecas, carros, panelas, bolas de gude<sup>5</sup>, bola de futebol – solicitando que as crianças escolhessem do que brincar e, após algum tempo, trocassem os brinquedos entre si, conversando com elas sobre as escolhas e a tendência a se construir estereótipos de gênero a partir de brinquedos. A leitura de livros específicos, a última atividade do dia, era realizada por três ou quatro participantes sob a coordenação de um dos facilitadores. Cada grupo com um livro em mãos, papéis e lápis de cor.

Na atividade que buscava justamente discutir estereótipos de gênero associados a brinquedos, percebemos, muitas vezes (ao propormos, no segundo momento, a troca de brinquedos entre as crianças), a dificuldade de algumas delas em brincar com brinquedos considerados, no senso comum, como do sexo oposto. Nas imagens a seguir, vemos primeiramente o jogo de bolinha de gude, comumente escolhido pelos meninos e, em seguida, o registro de um momento que, de certa forma, coloca em xeque a rigidez daqueles estereótipos, em que três meninas brincam a partir do tabuleiro de jogo de futebol, uma delas enquanto ninava uma boneca.

**Imagem 8** – Jogo de bolinha de gude



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2018.

**Imagem 9** – Meninas brincam com tabuleiro de jogo de futebol, enquanto uma delas nina uma boneca.



Fonte: Acervo do projeto de extensão, 2018.

A realização da última atividade, no espaço interno, após as duas outras que envolviam brinquedos e brincadeiras na área externa, mostrou-se desafiadora, pois as crianças demonstravam certa dificuldade, totalmente compreensível, em transitar entre a agitação que as brincadeiras suscitavam e a concentração demandada pela leitura. Essa observação nos guiou no ano seguinte, quando as oficinas de antropologia com crianças tornaram-se um projeto de extensão e passaram a contar com cinco e não somente três monitores.

De todo modo, não queríamos abrir mão das brincadeiras: consideramos a importância da ludicidade no contato com a criança e, nesse momento, estávamos associando de forma bastante direta a ludicidade à realização de brincadeiras específicas. Assim, mantivemos a atividade relativa à escolha e posterior troca, entre as crianças, de diferentes brinquedos e, em vez da leitura de livros, elaboramos outra atividade com o intuito de abordar a temática raça/etnia, a questão do preconceito racial e a ideia de representatividade: a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a proposta consistia em colar, em um grande mapa do Brasil, figurinhas de pessoas negras, brancas, indígenas, em número proporcional aos que vigoram no país, explicitando sua diversidade étnico-racial. As figurinhas eram colocadas no mapa pelas crianças. Esta atividade também nos permitiria tratar das noções de cidade, estado, região e país.

Com o início do ano, apesar de divulgarmos por diversos meios o projeto e a possibilidade de atuarmos em diferentes instituições na cidade, especialmente aquelas de caráter público que atendiam crianças de famílias de baixa renda, houve pouquíssima procura pelo trabalho. Talvez o significativo desconhecimento em relação à área de antropologia na cidade – oficina de quê? – e ainda o relativamente escasso número de ações da universidade, neste registro específico, fora de seus limites físicos, possam ter tido algum impacto no fato. Então, enquanto entrávamos em contato com instituições com o perfil que procurávamos, agendando oficinas até o fim do ano, iniciamos as atividades em locais com os quais já tínhamos contato prévio.

Demos prosseguimento, assim, à nossa parceria com a biblioteca do bairro Roosevelt, região norte de Uberlândia, e fomos também a uma escola municipal, a Freitas Azevedo, localizada no bairro Pequis, região oeste da cidade. Uma das instituições com a qual fizemos contato foi a organização não governamental Ação Moradia<sup>6</sup>, localizada no bairro Morumbi, região leste de Uberlândia, e lá realizamos a terceira oficina do ano. Nessas oficinas, atuamos a partir das atividades mencionadas anteriormente – a que envolvia brinquedos diversos, associada à discussão acerca de estereótipos de gênero, e a que contava com o mapa do Brasil, as figurinhas de pessoas, e a reflexão sobre raça/etnia, racismo e representatividade. Aqui, comentaremos a respeito delas, então, como uma espécie de agrupamento, destacando desafios e ganhos para, em

seguida, apresentar/discutir a forma atual de nossas oficinas, delineadas a partir do segundo semestre de 2018.

Essas primeiras oficinas com todo o grupo de monitores – agora cinco, como mencionado – trouxeram a eles uma possibilidade de atuação que se diferenciava das demais experiências que tinham tido até então. E, com essa possibilidade, surgiram algumas dúvidas, como aqui expressam Júlia Furtado de Almeida e Maria Luiza Araújo Ramos:

Todo o processo de organização das oficinas contou com inseguranças que eram sanadas ao longo do processo de execução e, muitas vezes, substituídas por outras quando nos deparamos com a prática. Sair da “bolha universitária” trazia uma sensação de medo, mas também de novidade. Frequentar novos lugares, muitas vezes distantes do nosso trajeto cotidiano, gerava ansiedade, mas, ao mesmo tempo, proporcionava o estudo desses novos contextos. A realidade vivida pelas crianças nesse contexto era desconhecida por nós até que realizássemos as atividades lá. Assim, por não conhecer o ambiente e não saber tão bem como lidar com os que o vivenciam, éramos desafiados a pensar em como conseguir nos comunicar melhor com as crianças.

Da parte da coordenação do projeto, os desafios envolviam especialmente a tentativa de alcançar uma espécie de equilíbrio entre atuar como professora dos graduandos e graduandas, dando apoio e suporte às dúvidas e anseios deles e, ao mesmo tempo, construir, enquanto grupo, um processo de ensino-aprendizagem associado a reflexões contínuas e engajamento. Também envolvia, simultaneamente, nossa busca contínua pela construção compartilhada desse processo de ensino-aprendizagem com as crianças que estavam conosco nas oficinas e com as quais lidávamos ao longo do tempo.

Nesse período, passamos a contar com um momento específico, nas oficinas, em que realizávamos uma avaliação desta por parte das crianças, o que havia ocorrido de maneira informal nas oficinas anteriores. Ao final do dia, então, conversávamos com elas propondo algumas perguntas. Além do nome completo, idade e bairro onde mora, as outras questões foram: i) O que você achou da oficina? ii) Algo, na oficina, te chamou mais atenção? iii) Você acha que algo poderia ser diferente (na oficina)? E, por fim, perguntávamos se a criança gostaria de comentar ou acrescentar algo que não havíamos questionado.

Em relação à primeira atividade, que discutia estereótipos de gênero por meio de brinquedos, ela foi mencionada por alguns dos participantes nesta avaliação, como uma adolescente, que ressaltou o quanto o momento foi significativo para ela, já que não tem muitas oportunidades de conversar a respeito de questões relacionadas a gênero: “Eu sofro muito esse negócio da homofobia e também do machismo. Na minha casa tem muito disso, e eu não gosto [...] Geralmente o amigo mais próximo que

eu tenho para conversar ou é meu cachorro ou é meu caderno. Dessas coisas pelo menos”, nos disse Lívia<sup>7</sup>, de 13 anos.

Outros destacavam a atividade mais por seu caráter lúdico, ressaltando a possibilidade de se brincar em uma atividade formativa, e citaram, por exemplo, os brinquedos do elástico e da bolinha de gude.

Em relação à terceira questão – “Você acha que algo poderia ser diferente (na oficina)?” –, foi interessante notar que muitos deles entendiam que estávamos perguntando se eles consideravam que algo deveria ser diferente/mudar de forma geral, não exatamente na oficina, e nos responderam mencionando algumas das temáticas e questões abordadas de forma a considerá-las problemáticas. Nesse sentido, as crianças fizeram menções, por exemplo, à falta de acesso à educação e à moradia para muitos; ao desmatamento; ao preconceito em relação a indígenas e negros; a padrões de beleza excludentes etc., como vemos nas falas abaixo, com crianças/adolescentes de 8 anos (a primeira) e 14 anos (as duas últimas):

Valéria: Teve alguma coisa que te chamou mais atenção, que te despertou, que te marcou?

Emily: Teve. É a parte de como tudo é subjugado. Que você tem que ser perfeito, você tem que ser bonito, que você tem que ser a princesinha ou o cavalheiro. Eu acho isso muito errado, e foi isso que me chamou muita atenção.

Pamela: O que você acha que podia ser diferente?

Sara: Podia ser diferente, de respeitar as pessoas, melhorar as escolas, melhorar os estudos do pessoal, porque tem muita pessoa que tem dificuldade, que não tem escola para estudar... moradia de rua, que mora na rua... Melhorar muito a cidade!

Valéria: Teve alguma coisa que te chamou mais a atenção?

Humberto: A questão do desmatamento, né... o que eles estão fazendo com as florestas [em referência ao filme assistido “Para onde foram as andorinhas?”, de Mari Corrêa]

Valéria: E tem alguma coisa que você acha que podia melhorar?

Humberto: Eles podiam pelo menos parar, assim, de queimar as coisas... e com as agressões, né?!

No decorrer dos encontros, para além das menções explícitas nesses momentos de avaliação, percebíamos – por meio de gestos, olhares e também palavras – que algumas informações e/ou discussões pareciam

impactar as crianças e adolescentes, instigando-os a questionar algumas posturas e formas com que comumente lidamos uns com os outros.

Além de comentar sobre situações ou questões que consideravam problemáticas, também lhes chamavam a atenção os diferentes modos com que variados coletivos regem suas vidas, em inúmeros registros – por exemplo no da alimentação, religiosidade, festas etc., como nos disse Evelin, de 8 anos:

Valéria: Evelin, e o que você achou do dia de hoje?

Evelin: Bom

Valéria: Por quê?

Evelin: Porque a gente viu muitas coisas legais

Valéria: Tipo o quê?

Evelin: O banho... A gente viu banho, viu como é que eles comem. A gente viu como é que eles... como é que é o Natal, o carnaval [a partir do livro “Crianças do mundo”, de Adèle Ciboul, que mostra crianças de diferentes partes do mundo em atividades cotidianas e ritos tradicionais]

Nessas observações sobre a alteridade, discutíamos então algumas noções antropológicas e ainda como a antropologia se relaciona, de modo geral, com as diferenças. Relembrando algumas proposições de Peirano (2006) sobre o ensino da antropologia e sobre o exotismo como via de acesso à alteridade, procuramos ainda contar, nessa empreitada com as crianças, com o estranhamento em relação ao exótico – em boa medida buscando transformá-lo em familiar (DaMatta, 1987), ao mesmo tempo em que buscávamos transformar o familiar em exótico, seguindo então com DaMatta na ideia de que esta dupla transformação seria uma das tarefas da antropologia.

Procuramos, assim, contribuir para que se configurasse uma espécie de iniciação das crianças à antropologia no sentido de aproximá-las de algumas operações, posturas e noções caras à área, tais como “reconhecer a racionalidade do outro, o respeito à alteridade [...], a horizontalidade das práticas humanas” (Peirano 2006, p. 81). Nas palavras de nossa anfitriã na biblioteca do bairro Roosevelt, a coordenadora Maria Abadia de Araújo, a partir da experiência com as oficinas realizadas no espaço, a antropologia seria “um assunto primordial e necessário para os pequenos que são a esperança na construção de uma sociedade justa e igualitária, onde haja mais empatia, menos preconceito, respeito às crenças, cultura, modo de ser e agir de cada um”.

A experiência de contato com a diferença em geral provocava um certo espanto e/ou admiração nas crianças, e contávamos com essas

reações/percepções justamente para conversar, como dissemos acima, sobre posturas, noções e operações caras à antropologia no sentido tanto de buscar tornar familiar o exótico quanto de buscar exotizar o que parecia familiar. Nas imagens abaixo, temos desenhos produzidos pelas crianças a partir de dois elementos que nos ajudaram nesse propósito: à esquerda, na imagem 10, desenho a partir de vídeo e fotos exibidos nas oficinas que mostram os escorpiões como item alimentício entre asiáticos; na imagem 11, à direita, desenho a partir de fotos das mulheres Padaung, que utilizam anéis em diferentes partes do corpo, inclusive no pescoço.

**Imagem 10** – Escorpiões como item alimentício entre alguns grupos no continente asiático.

**Imagem 11** – Desenho feito por uma criança a partir de fotos das mulheres Padaung.



**Fonte:** Acervo do projeto de extensão, 2014.

Apesar de haver variações no que tange a essas primeiras oficinas de 2018 – relacionadas à faixa etária e ao número de participantes (como já costumava ocorrer), espaço físico e algumas especificidades de cada local –, começamos a notar, de forma geral, certa dificuldade em realizarmos as atividades todos juntos, tanto nós da equipe do projeto quanto as crianças.

No decorrer do ano, no intervalo entre as oficinas, realizávamos encontros em que tanto refletíamos a respeito da anterior quanto ajustávamos o planejamento da seguinte, inclusive com a preparação de materiais. Nessas oportunidades, fomos discutindo, entre outros temas, sobre essa questão da condução coletiva/individual das atividades.

No início, passamos a nos organizar em grupos menores após a realização de cada uma das atividades com toda a turma – cada facilitador com três a seis crianças, dependendo do número de participantes –, com vistas a conversar um pouco com elas a respeito do que fora realizado.

Com o tempo, fizemos modificações mais acentuadas e chegamos à atual forma das oficinas, que apresentaremos na próxima seção.

## **TERCEIRO ATO: RETORNO AO PRIMEIRO? TRANSFORMAÇÕES E AJUSTES**

A possibilidade de atuar com as crianças de maneira lúdica norteou o trabalho desde sua concepção e as primeiras oficinas, como já ressaltamos.

Buscávamos estar atentos aos sujeitos com os quais estávamos lidando, nos questionando sempre qual seria a melhor forma de abordar os assuntos com as crianças, como nos comunicar com elas a partir de seus próprios termos ou, ainda, como levar a sério o discurso do Outro (Viveiros de Castro, 2002), considerando inclusive o histórico de desconsideração das crianças como sujeitos plenos (Cohn, 2005). Queríamos trabalhar com as crianças e não exatamente para elas, ou seja, queríamos que elas construíssem conosco aquele processo de ensino-aprendizagem, e não que simplesmente apresentássemos a elas algo cuja construção não contasse/tivesse contado com sua participação.

Para nós, um caminho profícuo para essa construção conjunta seria o da ludicidade e, como dissemos acima, havíamos a atrelado primeiramente à realização de brincadeiras específicas. Mas além de perceber que se mostrava difícil para as crianças transitar entre a expansão suscitada nas brincadeiras e a concentração em outras atividades específicas posteriores, também estávamos questionando a busca de uma condução coletiva nas oficinas, com a presença de toda a equipe e as crianças.

Quando narrava sobre as oficinas realizadas em 2014, afirmei que sentiria falta, posteriormente, da possibilidade de um contato mais detido com um grupo de crianças e ainda da possibilidade de tematizar, com elas, uma série de diferentes assuntos, aprofundando um pouco mais o contato delas com temáticas primordiais da antropologia, uma experiência que havia sido possível destacadamente naquele início. Isso, somado à percepção de que podíamos trabalhar de forma lúdica em todas as atividades que realizássemos, e não apenas a partir de brincadeiras específicas, contribuiu para que delineássemos encontros que pudessem atender a esses anseios/percepções: considerando um encontro de duas horas, com intervalo, cada um dos facilitadores trabalha com um grupo de crianças razoavelmente pequeno (entre três a seis, a depender do número de participantes), a partir de um eixo específico (como se verá abaixo) na primeira parte da oficina. Em seguida, então, as turmas de crianças e facilitadores trocam entre si, os facilitadores recebendo outra turma, e as crianças debatendo outra temática. Em todos os eixos, as temáticas têm abordagem a partir de jogos coletivos, criados ou adaptados de outros, já convencionais, e/ou contam com dispositivos como adivinhações e sorteios. Também recuperamos, das primeiras oficinas, o uso de livros infantis e filmes.

Realizamos algumas oficinas neste formato em diferentes locais e instituições. De todo modo, a partir do próximo ano, considerando a equipe de seis pessoas, a ideia é oferecer dois ou três encontros em cada instituição para que, além de termos mais oportunidades de contato com as crianças, elas possam, todas, se aprofundar um pouco mais nos conhecimentos da área ao experienciar quatro ou seis diferentes temáticas (em dois ou três encontros, respectivamente)<sup>8</sup>. Apesar de cada facilitador ter ficado responsável, neste momento, por um eixo temático específico, inclusive com elaboração e produção de materiais, a ideia é que possam circular entre os eixos, enriquecendo também a experiência de cada qual como facilitador.

Os eixos temáticos escolhidos e trabalhados pelos facilitadores/as são:

**1. Cidadania:** voltado à discussão de direitos e deveres da criança em nossa sociedade. Utilizamos o jogo de tabuleiro *Jogo da Vida* de forma adaptada para que todos possam participar e discutir o tema em conjunto. O jogador da vez anda até uma parada. Em cada parada, a facilitadora sorteia uma imagem – desenho – de uma criança em uma ação específica (por exemplo: jogando lixo no cesto para ser reciclado ou em situação de trabalho, entre outras). Ao mostrar as imagens, as crianças são instigadas a participar dialogando e dizendo o que aquilo significa e/ou evoca, para, em seguida, a facilitadora explicar por que escolheu aquela imagem, de modo a relacioná-la, junto às crianças, com o cotidiano delas próprias

**2. Relações étnico-raciais:** propõe uma discussão sobre diversidade étnico-racial e representatividade. Com a utilização de bonecos de papel montáveis, o objetivo é que as crianças possam criar seus próprios bonecos, escolhendo cabelo, tom de pele, diferentes biotipos, cor de olho etc., com apresentação/discussão acerca dos bonecos. Também utilizamos o jogo “Cara a cara” e seus diferentes tipos

**3. Religiosidades:** voltado à diversidade religiosa existente não só no Brasil, como no mundo, apresentando diferentes credos e tradições, com vistas à desconstrução de alguns preconceitos quanto às religiões. A atividade é configurada comumente a partir de três momentos: o primeiro gira em torno de uma conversa inicial sobre o que é religião para cada um dos participantes, qual seu papel e por que as pessoas as seguem; o segundo conta com a apresentação de imagens de oito religiões – Budismo, Judaísmo, Espiritismo, Islã, Candomblé, Protestantismo, Catolicismo e Rastafari – em formato de cartas, sendo duas para cada; o terceiro se volta à brincadeira “Jogo da Memória”, em que as crianças buscam encontrar as duas cartas de cada religião como pares

**4. Gênero e Trabalho:** voltado às relações entre ambos os temas, conta em geral com dois momentos: no primeiro é sorteada, entre várias, a história de uma pessoa com notabilidade social, narrando-se os desafios

em sua trajetória profissional – as histórias atualmente em uso são das mulheres da Vila das Mulheres Pedreiras; do bailarino Rui Moreira; da jogadora de futebol Marta Silva e do estilista Ronaldo Fraga. Em seguida, as crianças fazem um desenho a partir do que mais lhes chamou a atenção na história sorteada, para então o grupo conversar sobre o tema. Este eixo busca tematizar a construção e perpetuação de estereótipos de gênero de forma associada ao trabalho

**5. Conhecimentos tradicionais e questões ambientais:** voltado a discussões sobre comunidades quilombolas, povos indígenas e outras populações tradicionais de forma associada aos conhecimentos tradicionais e a questões ambientais. Alguns vídeos são exibidos de forma a suscitar debates sobre os temas. Discutimos, entre outras questões, a importância de essas populações serem (re)conhecidas em suas singularidades e, ainda, as especificidades de diferentes contextos socioambientais

**6. Diversidades:** propõe-se a discutir, em inúmeros registros, a diversidade de formas de socialidade, cosmologias e ontologias. Conta, entre outros elementos, com a leitura de um livro cujas páginas são especialmente sujeitas à manipulação dos leitores (*Crianças do mundo*, de Adèle Ciboul, em que algumas partes são destacáveis e podem ser deslocadas na página), analisando-se e discutindo-se suas imagens e as histórias que ele apresenta. Conta ainda, por exemplo, com a audição de pessoas de diferentes nacionalidades expressando-se a partir de sua língua-mãe. Em relação à última atividade, busca-se estabelecer uma espécie de jogo de adivinhação, as crianças buscando perceber que línguas são aquelas presentes nos registros em áudio.

Com a realização das oficinas a partir do agrupamento em torno dos eixos temáticos, pudemos notar mais de perto as percepções de crianças específicas acerca do que realizávamos juntos, dado que ficamos mais concentrados, elas e nós, em torno da atividade que abarca, ainda, um número menor de pessoas. Essa possibilidade mais acentuada de troca nos permite ainda, a nosso ver, construir um processo de ensino-aprendizado bastante calcado nas vivências das crianças, assim como nas nossas, e nos dá a percepção de que estamos em um caminho cheio de interessantes possibilidades.

Para nós é importante, de qualquer forma, a atenção para que os eixos sejam de fato apenas referenciais, e que não nos limitem nem em termos temáticos – possibilitando que a partir deles exploremos diferentes aspectos de um tema ou mesmo que nos levem a outros temas –, nem em termos do acionamento de diferentes recursos e materiais para discutir. Queremos, de fato, seguir construindo um processo que, digamos, esteja vivo, ou seja, que possa ir se transformando ao longo do tempo, e cuja transformação seja delineada por todos os envolvidos neste processo, sejam eles crianças, adultos, associados ou não associados à universidade.

## FECHAMENTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos aqui compartilhar uma experiência de oficinas de antropologia com crianças ao longo dos últimos anos em Uberlândia, no estado de Minas Gerais: desde 2014, em que as oficinas eram ministradas pela professora que concebeu o projeto, passando por uma fase, digamos, intermediária, com a presença de três estudantes graduandos do curso de Ciências Sociais (UFU), até seu registro como projeto de extensão e a ampliação do grupo, formado então por cinco estudantes, além da professora/coordenadora.

Discorreremos sobre algumas transformações especialmente de caráter metodológico ao longo dos últimos anos, com reflexões e apontamentos acerca do que nos motivava a empreendê-las.

E chegamos à mais recente proposta delineada, que nos parece, atualmente, a que melhor conjuga alguns dos elementos centrais do projeto, ou seja: i) a possibilidade de troca e diálogo mais próximo entre os envolvidos, construindo-se com mais fluidez um processo de ensino-aprendizagem que considera todos os atores como seres pensantes e plenamente capazes, ou seja, uma antropologia com e não para crianças; ii) o cultivo da ludicidade nos encontros e por meio dos encontros; iii) a possibilidade de uma abordagem mais detida e aprofundada de diferentes temáticas caras à antropologia, ressaltando-se, de forma geral, uma sensibilização para a diferença<sup>9</sup>.

Considerando, com Ingold (2010), o conhecimento como associado à educação da atenção e não à transmissão de representações, buscamos criar contextos ambientais em que tanto as crianças quanto nós pudéssemos ser instigados em um processo de ensino-aprendizagem delineado em torno da construção de habilidades associadas ao olhar, ouvir, sentir, perceber e agir na lida com a diferença.

## REFERÊNCIAS

- CARELLI, Rita. **Das crianças Ikpeng para o mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2014. (Coleção “Um dia na aldeia”)
- CASTANHA, Marilda. **Agbalá: um lugar continente**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- CIBOUL, Adèle. **Crianças do mundo**. Tradução: Maria Luiza Silveira. São Paulo: Moderna, 2007.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.
- FLEISCHER, Soraya. Atenção básica de saúde, cronicidade e

Ceilândia: o que tudo isso tem a ver com o ensino da Antropologia? **Revista Percursos**, [s. l.], v. 13, n. 01, p. 23-39, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/2451>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FLEISCHER, Soraya et al. Ensaio à la Nacirema: relato de uma experiência docente em Antropologia. **Revista Café com Sociologia**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 18-40, 2014. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/179>. Acesso em: 10 mar. 2020.

GAMA, Fabiene; FLEISCHER, Soraya. Na cozinha da pesquisa. **Cadernos de Arte e Antropologia**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 109-127, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/1145>. Acesso em: 10 mar. 2020.

GAMA, Pedro Ferraz; KUSCHNIR, Karina. Contribuições do desenho para a pesquisa antropológica. **Revista do CFCH**, [s. l.], v. 1, n. 5, p. 1-5, 2015. Disponível em: <http://revista.cfch.ufrj.br/index.php/138-contribuicoes-do-desenho-para-a-pesquisa-antropologica>. Acesso em: 10 mar. 2020.

GROSSI, Miriam; Tassinari, Antonella; RIAL, Carmen (Org). **Ensino de Antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras**. Blumenau: Nova Letra, 2006. Disponível em: [http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/40\\_00137444.pdf](http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/40_00137444.pdf). Acesso em: 10 mar. 2020.

HARTMANN, Luciana. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewArticle/6777>. Acesso em: 10 mar. 2020.

HARTMANN, Luciana. Desafios da diversidade em sala de aula: um estudo sobre performances narrativas de crianças imigrantes. **Cadernos CEDES**, [s. l.], v. 37, n. 10, p. 45-64, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622017000100045&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622017000100045&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 10 mar. 2020.

HARTMANN, Luciana. Onça, veado, Maria: literatura infantil e performance em uma pesquisa sobre diversidade cultural em sala de aula. **Educ. rev.**, [s. l.], v. 34, n. 67, p. 71-86, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/v34n67/0104-4060-er-34-67-71.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, [s. l.], v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**. v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewArticle/6777>. Acesso em: 10 mar. 2020.

OLIVEIRA, Amurabi; BRUM, Ceres (Org.). Dossiê Ensino de Antropologia. **Revista Café com Sociologia**, [s. l.], v. 4, n. 2, 2015. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/issue/view/12/showToc>. Acesso em: 10 mar. 2020.

PEIRANO, Mariza. Um ponto de vista sobre o ensino da antropologia. In: GROSSI, Miriam; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen (Org.). **Ensino de Antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras**. Blumenau: Nova Letra, 2006. Disponível em: [http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/40\\_00137444.pdf](http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/40_00137444.pdf). Acesso em: 10 mar. 2020.

PIRES, Flávia. **Quem tem medo de mal-assombro?** Religião e Infância no semi-árido nordestino. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/676484.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**: romance original brasileiro. São Luís, MA: Tipografia do Progresso, 1859.

TAVARES, Fátima; GUEDES, Simoni Lahud; CAROSO, Carlos. **Experiências de ensino e prática em Antropologia no Brasil**. Brasília: Ícone Gráfica e Editora, 2010. Disponível em: [http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/131\\_00168733.pdf](http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/131_00168733.pdf). Acesso em: 10 mar. 2020.

TOREN, Christina. **Making sense of hierarchy**: cognition as social process in Fiji. London School of Economics Monographs in Social Anthropology. London: The Athlone Press, 1990.

TOREN, Christina; REGITANO, Aline de Paula. Como nos tornamos quem somos. Entrevista com Christina Toren. **Proa - Revista de antropologia e arte**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 295-304, 2019. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/3593/2778>. Acesso em: 10 mar. 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132002000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132002000100005). Acesso em: 10 mar. 2020.

WATANABE, Etsuko. **Minhas imagens do Japão**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

Filme

CORRÊA, Mari. **Para onde foram as andorinhas?** Direção: Mari Corrêa. Produção de Paulo Junqueira e Mari Corrêa. Brasil, 2015.

Disco

**Encomendadeiras de Almas** – Coleção Sons do Cerrado v. 3.

**Submetido em:** 10/08/2020

**Aprovado em:** 28/03/2023

**Valéria de Paula Martins**

*valeriacpmartins@gmail.com*

Professora Adjunta de Antropologia

Instituto de Ciências Sociais/Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Doutora em Antropologia Social (UnB)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4691-1785>

**Amanda Ramos da Cunha**

*ramos.amandacs@gmail.com*

Graduada em Ciências Sociais (UFU)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8096-7067>

**Júlia Furtado de Almeida**

*juliafurtadodealmeida@gmail.com*

Graduada em Ciências Sociais (UFU)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6157-1240>

**Luís Augusto Meinberg Garcia**

*luuismeinberg@gmail.com*

Mestrando em Antropologia Social (PPGAS/UFSC)

Graduado em Ciências Sociais (UFU)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2325-7461>

**Maria Luiza Araújo Ramos**

*mariialuizaramos@gmail.com*

Graduada em Ciências Sociais (UFU)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8587-5494>

**Pamela de Fatima Soares Caetano**

*pamelafscaetano@gmail.com*

Graduanda em Ciências Sociais (UFU)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7540-928X>

**NOTAS**

<sup>1</sup> A cidade mineira de Uberlândia fica localizada na porção oeste do estado e conta com 691.305 habitantes (IBGE, 2019) em uma área de 4.115,206 km<sup>2</sup> (IBGE, 2018).

<sup>2</sup> Embora não se trate exatamente de um projeto de ensino de antropologia, mas de uma pesquisa voltada a fornecer subsídios teóricos e metodológicos para a atuação com a diversidade em sala de aula, o Pequenas Antropologias: uma proposta colaborativa de formação

de educadores para o trabalho com a diversidade cultural no Ensino Fundamental, coordenado pela antropóloga Luciana Hartmann e pelo antropólogo Guilherme Sá e realizado entre 2014 e 2016 em duas escolas públicas do Distrito Federal, justamente por ter como foco a questão da diversidade e ainda por atuar a partir da perspectiva de uma pesquisa etnográfico-propositiva (Hartmann, 2017), pode ser incluído aqui.

<sup>3</sup> Como se verá, temos o registro de autoria em alguns desenhos, mas infelizmente não em outros.

<sup>4</sup> Também conhecida como Cinco Marias, Três Marias, Jogo das Pedrinhas etc.

<sup>5</sup> Que conforme a região tem outros nomes, como China ou Biloca.

<sup>6</sup> Voltada a crianças e adolescentes em vulnerabilidade social. Sítio: <http://beta.acaomoradia.org.br/>.

<sup>7</sup> Nome fictício com vistas à preservação da privacidade de nossa interlocutora.

<sup>8</sup> O próximo ano, no caso, era 2020. Com a pandemia do Covid-19, a realização das oficinas foi suspensa. No decorrer daquele ano, tendo em vista a situação sanitária plena de incertezas, me dediquei ao desenvolvimento de um sítio eletrônico que abarcasse uma série de referências e materiais associados ao nosso trabalho, muitos deles acionados nas nossas oficinas, e que pudessem apoiar a realização de atividades com crianças, relativas à diversidade, nos mais diferentes contextos e lugares. A pesquisa e seleção de materiais contou com a colaboração de uma nova monitora na época, Vitória Brasileira, então estudante de Artes Visuais na UFU. O sítio eletrônico Poéticas da Terra tornou-se disponível para acesso público em fevereiro de 2021 e a página do projeto Antropologia com crianças pode ser visitada aqui: <https://poeticasdaterra.org/projetos/antropologia-com-criancas/>.

<sup>9</sup> Para fins de atualização: neste ano de 2023, o projeto Antropologia com Crianças está associado a um projeto de extensão que desenvolvo, o Sensibilidades Antropológicas, que abarca a realização de um podcast e oficinas de sensibilização antropológica voltadas a crianças e também adultos. Para acompanhar nossas ações, acessar o sítio eletrônico já mencionado – <https://poeticasdaterra.org/> – e também nosso perfil no Instagram: <https://www.instagram.com/sensibilidades.antropologicas/>.